

A JOGADA DA DIREITA

As forças conservadoras se organizam em torno de Jânio para uma disputa apertada que tem o país inteiro como palco.

O duelo que se prepara entre os dois candidatos mais cotados à prefeitura de São Paulo, Fernando Henrique Cardoso e Jânio Quadros, terá como juízes os 4,8 milhões de eleitores paulistanos, mas o cenário da luta será o Brasil inteiro. Em nenhuma outra capital apresentam-se candidatos que perturbassem tanto por seus perfis díspares, pela provisão desconhecida de apoios ideológicos que carregam na bagagem e, sobretudo, pelos reflexos que a eleição de qualquer um deles projetará sobre a organização política do país em futuro próximo. Na sexta-feira da próxima semana, quando estiverem abertas as urnas paulistanas, o país saberá se o seu futuro político dependerá mais do PMDB, com suas divisões internas, ou de Jânio Quadros, com a aliança que o ampara, tão excêntrica quanto sua personalidade.

Na semana passada o senador Fernando Henrique, 54 anos, candidato do PMDB, e o ex-presidente Jânio Quadros, 68 anos, do PTB, estavam com 35 e 32 pontos, respectivamente, nas pesquisas de intenção de voto – o que, na prática, significa um empate técnico. Ambos podem vencer e ambos garantem que vencerão. Em nenhum outro lugar a vitória de um ou de outro terá tanta diferença para todos, e essa singularidade da eleição paulistana já foi percebida em todo o país.

“Jânio é a esperança de se evitar que o PMDB tome conta do país”, diz o ex-ministro Antônio Delfim Netto, que do alto de 16 andar de um edifício na Avenida Paulista é a mais pública das forças ocultas que apóiam Jânio Quadros. “A eleição de São Paulo é decisiva porque Jânio será uma cunha contra o avanço da esquerda no país”, afirma em Fortaleza José Afonso Sancho, suplente de senador pelo PDS e presidente da Associação dos Bancos do Ceará. “Jânio está para ganhar e isso é um bom golpe na esquerda festiva do Fernando Henrique e no PMDB”, alegra-se em Belo Horizonte o deputado federal Bonifácio Tamm de Andrada, do PDS. “É preciso denunciar a manobra armada pela direita para eleger Jânio Quadros”, retruca o governador cearense Luiz Gonzaga Motta.

ALVO PROMISSOR – A proximidade do confronto exalta os torcedores e tira de suas análises a questão mais intrigante que se desenha à volta dos dois candidatos. Fernando Henrique não comanda um avanço das forças de esquerda nem Jânio conduz, como motorneiro, o bonde da direita num assalto direto à democracia. O que se pode retirar do panorama político paulista é a evidência de que uma boa parte das correntes conservadoras, que hibernavam desde a destruição do regime de 1964 e da candidatura do deputado Paulo Maluf à Presidência da República, se recompõe rapidamente e joga suas fichas, neste momento, no ex-presidente Jânio Quadros – o alvo mais promissor que puderam encontrar. Trata-se, com a ajuda de Jânio, de quebrar a espinha dorsal do PMDB no centro urbano em que ele é mais forte e de desfazer, com uma vassourada, a garantia do partido de eleger o próximo governador e o sucessor do presidente José Sarney. Com um tiro em Fernando Henrique, aleijam-se três coelhos de uma só cajadada: Ulysses Guimarães, Franco Montoro e ele próprio.

Se a manobra for bem-sucedida, o que as pesquisas eleitorais não autorizam por enquanto imaginar, ela poderia resultar numa nova distribuição de forças políticas no plano nacional e virtualmente na criação de um partido conservador que se abastecesse dos cacos do PDS, de fatias do PFL e até mesmo de alguns integrantes do PMDB, partido que conta com alguns janistas entusiasmados, como o governador de Brasília, José Aparecido. “Nós já ganhamos em São Paulo”, comentava ele na última sexta-feira, referindo-se a Jânio. Aparecido, ex-secretário particular de Jânio, é hoje filiado ao PMDB, onde, paradoxalmente, milita no circuito radical-chique.

PAIXÃO JANISTA – A capacidade da vassoura de Jânio de varrer para fora é um dos grandes enigmas da política brasileira, mas a sua recente capacidade de varrer para dentro, atraindo uma aliança poderosa, mostrou-se prodigiosa. Em torno de seu comportamento errático, de suas previsões apocalípticas e de suas excentricidades, juntaram-se pessoas que não são capazes de concordar sequer sobre as horas do dia, mas estão de acordo quanto à necessidade de colocar Jânio Quadros na ilharga do PMDB. Assim, o ministro Aureliano Chaves e o deputado Paulo Maluf estão no mesmo barco, ao lado do chanceler Olavo Setúbal e de seu antigo alvo, o professor Delfin Netto. Nada há em comum entre eles, exceto uma ocasional e fortuita paixão janista.

Pelo estrado eventualmente provocado no PMDB, Setúbal, do PFL, deseja abrir sua picada até o Palácio das Bandeirantes na sucessão do governador Franco Montoro. Aureliano, do mesmo partido, seria candidato da armação à Presidência da República. Delfim, que não teria prazer em ver Setúbal no governo de São Paulo e que está disposto a dar um braço ao cutelo para não ver Aureliano no Planalto, trabalha por Jânio para quebrar o muro que aprisiona seu futuro político: o PMDB.

Só na última sexta-feira, às vésperas da eleição, Aureliano e Setúbal se reuniram em Brasília a fim de gravar um programa de apoio ao candidato para exibição no horário gratuito do Tribunal Regional Eleitoral. “Fui prefeito de São Paulo e vi o que Jânio Quadros fez na sua administração”, explicou o chanceler diante das câmaras. Ao chegar a sua vez, Aureliano lembrou que o ex-presidente tinha conquistado todos os seus cargos públicos através do voto. O reconhecimento ganha valor excepcional ao notar-se que Aureliano foi eleito indiretamente tanto para o governo de Minas Gerais, que ocupou entre 1975 e 1978, quanto para a vice-presidência da República no governo João Figueiredo.

“SHOWMAN” – “Eles estão com Jânio, mas dão um apoio envergonhado”, critica Rogê Ferreira, que até a última sexta-feira concorria sem qualquer chance à prefeitura de São Paulo pelo Partido Socialista Brasileiro. Diante da resposta inexpressiva que recebeu dos eleitores e da polarização entre Jânio e Fernando Henrique, Rogê resolveu saltar da disputa e apoiar o senador. “Conheço Jânio há várias décadas e sei que ele não é confiável”, diz Rogê. “Seus aliados sabem disso, usam-no como instrumento, mas nunca se sentiriam à vontade participando, nos palanques, de uma campanha que os constrange”.

O ministro Aureliano Chaves descobre-se janista desde 1958, quando se candidatou a deputado estadual pela primeira vez. Estranhamente, não teve uma única conversa com Jânio nos últimos seis meses. “Encontramo-nos na missa de sétimo dia de Tancredo

Neves”, lembra-se. Olavo Setúbal também anda à distância da campanha de Jânio, que seu partido, o PFL, apóia oficialmente. Encontraram-se pela última vez há vinte dias, num almoço organizado em São Paulo pelo deputado Herbert Levy, seu correligionário, para tratar do apoio ao ex-presidente, que existe nos bastidores mas é parcamente exibido em público. “Jânio é um showman”, justifica Setúbal. “Ele faz a campanha sozinho”.

O candidato sente-se à vontade consigo próprio. Com seu talento para dizer o que as pessoas desejam ouvir e munido de um bom repertório de gestos dramáticos que imprimem seriedade a qualquer banalidade que pronuncie, Jânio forjou uma das mais fulgurantes carreiras políticas da história do país. Eleito vereador em São Paulo, em 1947, foi prefeito da cidade, governador do Estado, deputado estadual e federal, e por fim presidente da República, em 1961. Deixaria o cargo sete meses depois da posse numa renúncia em que estava embutida uma tentativa de golpe de Estado. Retorna agora ao sonho da prefeitura, cavalgando a mesma vassoura que nos seus bons tempos prometia usar contra os corruptos, e baseia sua pregação na luta contra os assaltantes de rua e os ladrões da coisa pública. “Já sou prefeito”, anuncia.

O estilo sofreu pouca alteração desde o tempo em que ele comia sanduíches nos palanques e carregava caspas no paletó escuro, numa esperta construção da imagem de um homem sem tempo para as vaidades do mundo. Na atual campanha, já foi flagrado em fotos com os sapatos trocados – o esquerdo no pé direito e o direito no esquerdo – e numa fatiota de samurai que lhe apresentaram no bairro da Liberdade, reduto dos japoneses em São Paulo. Trata-se, no fundo, dos mesmos recursos que surtiram efeito no passado e, ainda hoje, conquistam-lhe simpatias.

DEBILIDADE FÍSICA – O Jânio de hoje diferencia-se do de ontem por alguns detalhes. Entre os mais sérios, destacam-se as duas surras que levou em 1962 e 1982, quando disputou o governo de São Paulo. A última delas, impiedosa, lhe foi aplicada pelo governador Franco Montoro, que obteve 5,2 milhões de votos contra o 1,4 milhão dado ao ex-presidente. Naturalmente, Jânio Quadros transporta hoje o peso da idade, acrescido de uma debilidade física que o faz tremer e o impede de segurar microfones e requer o auxílio de braços para apoiá-lo quando está mais cansado. No fundamental, porém, o mesmo Jânio Quadros está de volta.

O problema com esse retorno é que se tem novamente a caminho das urnas o político imprevisível, que passou por quase todos os partidos brasileiros e nunca se ligou a qualquer um deles, que jamais se sentiu preso a compromissos com os que apoiaram e que não conseguiu exibir um programa consistente de ação nas diversas fases de sua carreira. “Enxerga-se em Jânio uma possibilidade de começar tudo outra vez, com um homem que não se sabe o que fará amanhã”, diz o ministro Fernando Lyra, da Justiça, engajado no time de Fernando Henrique.

Pelo temperamento do ex-presidente, é possível que Lyra esteja com a razão. No entanto, nada é mais legítimo do que a formação da frente heterogênea que lhe dá apoio. Quando a direita subia aos palanques de Tancredo Neves, como faz o chanceler Olavo Setúbal, todos aplaudiam. Agora que a direita entrou na campanha de Jânio Quadros, os adversários vislumbram aí um pecado de grosso calibre. Os acusados so deslize vão em frente sem se importar, e alguns, como Delfim Netto, que trabalha numa sala onde se

tropeça em vassourinhas de lata dourada, exibem um olhar divertido para a briga que envolve os candidatos e seus seguidores. “Os sociólogos do PMDB se intitulam donos do povo. Agora que Jânio vai ganhar eles terão de mudar de povo, porque esse que está aí já optou pelo PTB”, diz. Piloto automático da campanha de Jânio, Delfim desafia com ironia até mesmo as pesquisas de intenção de voto, que dão ligeira vantagem ao candidato do PMDB. Ele lembra um levantamento realizado pelo Ibope nas eleições para a prefeitura de São Paulo em 1953 que dava a vitória para um certo professor Francisco Antônio Cardoso, concorrente de Jânio naquele ano. “Pois é: apesar do Ibope, deu Jânio Quadros daquela vez”.

O deputado Paulo Maluf também está ativo, mas presta apoio velado. Os malufistas entraram na campanha com um batalhão de cabos eleitorais e uma assessoria ágil e discreta que faz contatos nas áreas políticas e empresarial para conseguir material de propaganda. De seu escritório na Avenida Brigadeiro Faria Lima, Calim Eid, o coordenador da campanha de Maluf à Presidência, conversa diariamente com Delfim Netto pelo telefone. “Estamos trocando idéias sem parar”, diz Calim Eid. “Os janistas nos procuram a toda hora pedindo uma porção de coisas – e ajudamos como podemos”, afirma.

VITÓRIA NOS CARTAZES – Um bom dinheiro rola do bolso de empresários para a campanha de Jânio. Da mesma forma, Fernando Henrique tem sua pregação sustentada por bolsos alheios, sempre essenciais a candidatos que precisam alugar carros e equipamentos de som ou pagar cartazes de propaganda eleitoral. “As colaborações em dinheiro para nossa campanha somam 3 bilhões de cruzeiros até agora”, contabiliza o deputado federal Gastone Righi, do PTB, janista histórico e braço direito do ex-presidente. É pouco para uma campanha como a de Jânio, que os adversários peemedebistas calculam venha a custar algo em torno dos 20 bilhões de cruzeiros, o dobro do que os integrantes do PMDB apresentam como seus próprios gastos. Em cartazes, pelo menos, os janistas humilham os adversários: reservaram 1 700 placas para seus outdoors contra as 600 alugadas pelo PMDB. “A campanha de Jânio Quadros é feita com doações de adeptos”, diz Delfim Netto. “É dinheiro deles, portanto. Já a campanha do PMDB é feita com o dinheiro do público, através do governo”, acusa o ex-ministro.

A diferença mais notável entre os adeptos de Jânio e os de Fernando Henrique, nesse termo das contribuições em dinheiro, é que os empresários que estão com o PMDB na eleição para a prefeitura de São Paulo falam abertamente do que desembolsaram. “Eu contribuí com 60 milhões de cruzeiros para o Fernando, uma quantia perfeitamente legal”, conta Manuel Garcia Filho, diretor da Goodyear e vice-presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo. “Dei 66 milhões de cruzeiros, o máximo que a lei permite”, afirma José Mindlin, dono da indústria de autopeças Metal Leve. “O Fernando Henrique é inteligente, capaz e confiável. Ajudei por isso, e não para obter vantagens pessoais”, diz Mindlin.

Na seara de Jânio depara-se um muro de esquivas. “Dou a Jânio o que ele precisar, mas não estou contribuindo com nada além da amizade porque ele nada pediu”, garante João Melão, agropecuarista apontado como portador da chave do cofre da campanha janista. “A pessoa que cuida do dinheiro é o Melão”, afirma o deputado Gastone Righi. Para Guilherme Afif Domingos, presidente da Associação Comercial de São Paulo, a

relutância dos janistas é natural. “É difícil encontrar um grande empresário disposto a abrir seu apoio a Jânio, porque ele depende de verbas estatais e quem está no governo é o PMDB”, explica. “Então, é complicado aferir a sinceridade dos empresários quando tocam nesse assunto. “Esse argumento, porém, falece diante da constatação de que inúmeros empresários paulistas, ainda na década de 70, vincularam-se ostensivamente ao MDB.

Como representante da faixa conservadora da disputa pela prefeitura paulistana, Jânio normalmente deveria atrair a simpatia e as contribuições do grosso do empresariado, e isso não acontece. “Ocorre que muitos empresários desconfiam do Jânio”, explica Manuel Garcia Filho. “Com a mesma facilidade com que ele agora veste a máscara de aliado das classes empresariais, combatendo o comunismo, por exemplo, pode mudar de máscara de uma hora para outra”, acusa. “É um homem instável e o empresariado, mesmo quando o apóia, tende a não confiar nele”. Garcia Filho foi contemporâneo de Jânio Quadros na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, acompanhou seus primeiros passos como político e acha que há algo de errado com Jânio no que diz respeito a dinheiro. “Era um rapaz de origem modesta, nunca teve emprego fora da vida política, está desempregado há mais de vinte anos. Ora, como pode levar a vida que leva?”.

DIÁLOGO CRISPADO – O problema com Jânio é que ele, no fim das contas, não se alinha verdadeiramente com as forças conservadoras que o sustentam, embora faça do anticomunismo uma das alavancas de sua campanha, explorada por ele na televisão, ao acusar Fernando Henrique de receber o apoio do Partido Comunista do Brasil, valendo-se de cartazes que o próprio PC do B denunciou como apócrifos. Esses cartazes, por sinal, passaram primeiro pela vizinhança dos janistas. Dez dias antes de aparecerem nos muros, já eram do conhecimento de Orlando Dorsa, chefe do comitê de colagem de Jânio. “Serão colados milhares de cartazes dos comunistas em apoio a Fernando Henrique”, anunciava ele muito antes que o candidato do PMDB soubesse da existência das peças publicitárias.

“Se o candidato conservador à prefeitura de São Paulo fosse um homem como o ministro Olavo Setúbal”, raciocina Fernando Lyra, ministro da Justiça, “os empresários e políticos que lhe dessem apoio saberiam em que terreno estariam pisando. Com Jânio, ao contrário, nunca se sabe”. Por obstáculos dessa ordem, o deputado Hebert Levy, que deu a partida na idéia de costurar o PFL a Jânio, enfrentou resistências dentro do partido desde o momento em que viu no ex-presidente um bom trunfo para entrar nas eleições municipais com chances de vitória.

No início de julho, Levy encontrou-se em Brasília, numa sala do Congresso, com o presidente do PFL, senador Jorge Bornhausen, e o ministro Olavo Setúbal. Seguiu-se um diálogo crispado. “Herbert, eu tenho 25 anos de vida pública e não vejo seriedade nessa tua proposta. Não dá para confiar no Jânio”, disparou Bornhausen. “Olha, eu tenho mais de cinquenta anos da janela e nunca digo que desta água não beberei”, respondeu Levy. Bornhausen ficou aborrecido e deu o encontro por encerrado. Passou a chamar a manobra janista de “uma loucura”. Setúbal ao contrário, aproximou-se do deputado e concordou com a ligação do partido à candidatura de Jânio. No começo de agosto, um grupo de deputados do PFL almoçou com Jânio e obteve dele o compromisso de apoiar Setúbal para o governo de São Paulo em 1986. “Uma vitória de

Jânio poderá dar ao PFL, além do governo do Estado, a Presidência da República”, antevê o deputado. “Haverá repercussões enormes no quadro político nacional”.

Os meios militares também elegem discretamente seu predileto. Ao ser convidado, em julho passado, para uma solenidade comemorativa do Dia do Comerciante, promovida pela Associação Comercial e Federação do Comércio de São Paulo, o comandante do II Exército, general Sebastião Ramos de Castro, arriscou duas perguntas ao telefone. “O Mário Covas vai?”, quis saber inicialmente. Não ia. “O Fernando Henrique vai?” Também não ia. Diante dos esclarecimentos do interlocutor que lhe fazia o convite, aceitou. “Se os dois fossem, eu não compareceria”. O general Castro é um discretíssimo torcedor de Jânio Quadros.

Alguns degraus acima, o presidente Sarney procura manter uma atitude de equidistância e, relação à campanha municipal, temperada por alguns momentos de simpatia por Jânio. A postura oficial do presidente é de apoio ao candidato do PMDB, também o seu partido. Na intimidade, porém Sarney não se assusta com uma eventual vitória janista, que o ajudaria indiretamente a colocar um freio na rebelião que grassa nas hostes peemedebistas.

LOTE DE MALUCOS – A construção lógica que levou a direita de todo o país a se encantar com a ressurreição do janismo é por um lado utilitária, por outro, premonitória e, na essência, politicamente fraudulenta. Seu aspecto utilitário é imediatamente visível, pois a vitória do ex-presidente dá às forças que por vinte anos viveram no regaço de um regime politicamente fechado a certeza de que o ciclo de crescimento do PMDB está encerrado. Uma vez de volta ao cenário político, Jânio tem ainda uma função premonitória. Seria a melhor arma da direita contra o ressurgimento de um populismo esquerdista encarnado pelo governador fluminense Leonel Brizola. Nesse caso, diante de um retrocesso político de duas décadas, o Brasil poderia chegar a uma disputa a nível nacional com o choque de dois políticos autoritários, temperamentais, messiânicos e intolerantes. Semelhantes na capacidade de captar aspirações comuns da sociedade e de comercializá-las ao preço mais baixo possível, Jânio e Brizola ofereceriam uma reprise do populismo dos anos 50 e 60. Ao populista com sotaque de esquerda, a direita contraporía a prosa pronominal do janismo. “Esse é o maior perigo de retrocesso político registrado no país nos últimos vinte anos”, adverte Marcelo Cerqueira, candidato socialista a prefeito do Rio de Janeiro.

O retorno ao populismo e decisão da direita – em que se incluem pessoas de indiscutível talento e capacidade administrativa – de recorrer ao remédio janista traem a essência da própria manobra: seu caráter politicamente fraudulento. Um cidadão que vota em Jânio Quadros porque acredita que ele será melhor prefeito que Fernando Henrique Cardoso ou ainda aquele que prefere o ex-presidente porque há comunistas no PMDB exercem com clareza uma opção eleitoral. Já os articuladores do janismo que não confiam no ex-presidente, e até mesmo blasfemam ao analisar sua conduta, concebem uma fraude, pois na essência querem sentar na prefeitura numa pessoa que não gostariam de ver à sua mesa de jantar. Nessa categoria entra, por exemplo, um correligionário de Jânio que saudou a derrota da proposta da eleição em dois turnos para a escolha dos prefeitos com uma tirada de bom humor. “Com um só turno a gente ganha. Se fossem dois, seria mais difícil, pois 35% de malucos é possível juntar, mas jamais conseguiríamos juntar 51%”.

“O que dizem as pesquisas sobre a eleição”

Na reta final de suas campanhas, os dois candidatos mais cotados para ocupar a cadeira de prefeito de São Paulo proclamam vitória por antecipação, mas sabem que o troféu ainda não tem dono. Pela lei eleitoral, desde o dia 31 de outubro passado é proibida a divulgação de pesquisas de opinião. De acordo com as últimas pesquisas de intenção de voto feitas dentro do prazo legal, entre os 4,8 milhões de eleitores paulistanos, Fernando Henrique Cardoso, do PMDB, conta com 35% das preferências, em média, enquanto Jânio Quadros, do PTB, tem 32%, ambos muito à frente do terceiro colocado, Eduardo Suplicy, com 17% das preferências (veja os gráficos). Como sempre se considera uma margem de erro de 3% nesse tipo de levantamento, os dois concorrentes mais fortes estão empatados na prática e, assim, o quadro permanece indefinido.

“A situação está apertadíssima e não é possível fazer qualquer previsão”, afirma Carlos Matheus, diretor do Instituto Gallup, responsável por um dos levantamentos. Desde agosto, Fernando Henrique e Jânio se atropelam na corrida pela preferência dos paulistanos. Nos gráficos das pesquisas, as trajetórias de ambos se espelham em duas linhas oscilatórias que se cruzam a todo momento. Ora a dianteira andou nas mãos de Fernando Henrique, ora Jânio Quadros a empalmou. Em boa parte, o tira-teima das urnas refletirá, assim, as manobras dos candidatos na semana e meia que resta de campanha e a ação dos partidos no trabalho feito à boca das urnas. Há duas fontes principais de coleta de votos novos para ambos. A primeira situa-se entre os quase 400 000 eleitores indecisos, cerca de 8% dos votantes. “Quem souber atacar esse contingente com mais eficácia pode ganhar a eleição”, afirma Antônio Manuel Mendes, coordenador da pesquisa do Jornal Folha de S. Paulo. Outra possibilidade se abre através do assalto à seara alheia.

NO RÁDIO – Segundo as pesquisas, Fernando Henrique domina nos segmentos sócio-econômicos A e B, de rendas mais elevadas, enquanto Jânio Quadros colhe mais simpatias nas faixas de menor poder aquisitivo, as classes D e E. Reza a tradição que nos últimos dias antes da eleição os candidatos têm mais facilidade de invadir redutos adversos e virar a situação a seu favor. “O desempenho de Jânio e Fernando Henrique será vital nestes últimos dias”, afirma Neyza Furgler, diretora do Ibope em São Paulo. Os pesquisadores consideram que qualquer coisa – um trunfo de última hora, como um comício ou uma passeata bem-sucedidos, ou um escorregão – pode decidir o jogo.

Ao lado das pesquisas como a do Gallup, a do Ibope e a da Folha de S. Paulo, correm levantamentos com resultados muitos diferentes, realizados através de rádios de São Paulo. A rádio Jovem Pan, por exemplo, atribuiu em suas pesquisas um índice de 43% de votos para Jânio Quadros e 33% para Fernando Henrique. A rádio Record, outra que ouviu eleitores, deu um índice de 39% a Jânio e 31% a Fernando Henrique. Esses levantamentos, no entanto, foram realizados sem a metodologia científica que presidiu o trabalho dos institutos de pesquisa. “São aleatórios e não chegam a definir uma situação”, afirma Matheus, do Gallup.

Crédito: Revista Veja/Editora Abril

Fonte: Revista *Veja*, edição 896, 06 nov. 1985